

PARTE 2

Esta Parte 2 do livro contempla o desenvolvimento afetivo, ou o desenvolvimento da psicosexualidade, tendo já desenhado o escopo teórico e metapsicológico que fundamenta o investimento nas figuras amorosas e as histórias que cada um se conta ou registra nesse caminho. É o que constitui as possibilidades de amar e trabalhar, como diria o próprio Freud. Mais quatro capítulos e a tarefa será cumprida.

Desta feita, nos dedicaremos a destacar o que dá formato às teorias desses objetos: a sexualidade e a dimensão inconsciente do desenvolvimento afetivo.

Mais que na Parte 1, faremos apenas a indicação de textos-base para nossas formulações. Não nos dedicaremos a tomá-los exaustivamente em sua linha mestra, como o fizemos para tratar dos sonhos, no trabalho instaurador da psicanálise como representação, bem como no escrito sobre a pulsão de morte (*Além do Princípio do Prazer*, 1920), onde se resvala no perigoso terreno para os seus destinos, com a proposição de uma pulsão sem representação.

São os seguintes os estudos que deveriam ser feitos para acompanhar o que a partir de agora se escreve: *A Organização Genital Infantil* (Freud, 1923), *Sexualidade Feminina* (Freud, 1931/1974) e *A Dissolução do Complexo de Édipo* (Freud, 1924).

Do ponto de vista genético

A proposta deste capítulo é apresentar a mais conhecida abordagem que se faz ao desenvolvimento da sexualidade: a divisão em fases (oral, anal, fálica, latência e genital).

Convencionamos chamá-la (a abordagem) de genética, na medida em que, apesar da fundamentada interpolação da fase fálica, no *Organização Genital Infantil* de 1923, poderia ser considerada uma ordenação fixa de regiões do corpo que, quando estimuladas, gerariam o máximo de prazer.

Garante-se, então e de início, o perfil dessa teoria sobre investimento de libido em objetos, sendo que nesse caso, o objeto é o próprio corpo. Da mucosa da boca (do nascimento até aproximadamente um ano e meio), à mucosa do ânus (de um ano e meio a três ou quatro anos) e daí aos genitais (a partir de quatro anos, sendo que nas meninas, é o clitóris essa região, até pelo menos a adolescência). São as chamadas *zonas erógenas* e está prevista uma espécie de “migração” de uma a outra, nessa ordem, como marca filogenética.

Com tais pressupostos, desliza-se para a necessidade de ações do e pelo próprio corpo na busca de alívio para as tensões que se produziriam no limite entre o orgânico e o psicológico. Esse alívio é sempre tratado como sensação de prazer porque satisfaz a pulsão (*O Instinto e suas vicissitudes*, 1915). São as *atividades autoeróticas* (o sugar, a retenção e expulsão das fezes, a masturbação). Elas cumprem o circuito da pulsão.

O objetivo desse enfoque, que chamamos de genético, é preparar a discussão a respeito do lugar que ocupam as figuras familiares, do ponto de vista do investimento amoroso, enquanto o corpo é a sede de todo esse movimento do investimento em zonas erógenas.

Em *A Vida Sexual dos seres humanos* (Freud, 1917/1969) e *Três Ensaios para uma Teoria da Sexualidade* (Freud, 1905/1969), Freud desafia educadores, médicos e opinião pública do momento, a pensar que a sexualidade tem início na infância. No primeiro, uma das Conferências Introdutórias, ministradas nos EUA, faz uma provocação retórica: se os adultos não acreditassem nisso, não reprimiriam as crianças. No segundo, em verdade o primeiro pela ordem de escrita, a provocação é teórica, porque, com argumentos e descrições de comportamentos (de bebês e de pacientes adultos), faz uma contundente construção da *sexualidade* e seus motivos, *desde o berço*.

Mais tarde, em *A Organização Genital Infantil* (Freud, 1923), reúne, sobretudo a partir desses textos e de outros em que o assunto era expresso, as notas de rodapé mais importantes e propõe uma fase fálica, entre a anal e de latência, na série que apresentaremos a seguir.

Pois bem. Seriam cinco as fases do desenvolvimento da sexualidade, cada uma com zonas erógenas e atividades autoeróticas características.

- *Fase oral*. Estende-se até um ano e meio de idade, aproximadamente, sendo que a zona erógena é a mucosa da boca e a atividade autoerótica é o sugar.
- *Fase anal*: Estende-se de ano e meio a três e meio, quatro anos, sendo que a zona erógena é a mucosa do ânus e a atividade autoerótica é a retenção e expulsão das fezes.

Nesse momento, particularmente, começam as trocas mais restritivas com os adultos à volta. Para a criança, as fezes podem se fazer notar mais pronunciadamente nesse exercício de segurá-las e soltá-las; nisso têm prazer e seguem rituais nem sempre interessantes aos seus pais; oferecem seu cocô como presente-surpresa, em lugares inéditos, não necessariamente no penico; daí pra frente, os confrontos se anunciam e a repressão ao prazer também; é a educação dos costumes que molda o fazer cocô no lugar certo e a isso pode

reagir de diferentes formas, desde a constipação intestinal até as agressividades expressas.

- *Fase fálica.* Estende-se dos quatro anos até aproximadamente 6/7 anos, sendo os genitais a zona erógena (no caso da menina, o clítoris) e a atividade autoerótica, a masturbação. Há particularidades desta fase em relação à genital propriamente dita, na medida em que as figuras parentais e as tramas amorosas encenadas com eles, diretamente, são centrais. Há uma preocupação em medir e comparar atribuições de tamanho e concupiscência (espaço ocupado na percepção) dos órgãos genitais. E as meninas saem perdendo, porque a zona erógena nesse momento é o clítoris, que é menos visível, é menor. O prazer que advém de sua estimulação parece não se impor, na apreciação dos outros seres, pequenos ou grandes. A atividade autoerótica se exacerba, para ambos os sexos, como possibilidade de aliviar algum tipo de tensão, conforme a definição de pulsão, e pode acontecer, em princípio, à vista de todos em qualquer situação social (visitas de familiares, escola, entre outras), porque a censura a ela necessita de tempo e experiência para que se estabeleça. Afinal, trata-se do cumprimento dos desígnios filogenéticos...
- *Fase de latência.* A idade de seis anos parece iniciar um processo de retração desses mecanismos. A entrada no universo do conhecimento intelectual (escola, por exemplo), abre sentidos e meios do contato com os saberes acumulados, com conteúdos ligados a ciências sociais de história, geografia, bem como conteúdos de ciências exatas. As atividades autoeróticas parecem se “distrair”, por algum tempo, nessas conquistas culturais. Não são erradicadas, mas acabam se tornando menos centralizadoras. Até a fase fálica, e na sua vigência, algo deve ter sido responsável por esses desvios de rota: pelos avanços das teorias e da metapsicologia, poder-se-ia dizer que as tramas edípicas, a repressão, as identificações e o superego são processos que explicam as configurações dessa fase de desenvolvimento da psicosexualidade. Sem negá-las, e da perspectiva imaginária, constrói-se, a partir de *A organização genital infantil*, esse terreno que será o foco central do

próximo capítulo de nosso livro. Por ora, passemos à descrição da fase seguinte à de latência.

- *Fase genital.* Com certo arranjo, a partir de dez ou onze anos, com a entrada para a adolescência, permanecem a zona erógena e a atividade autoerótica da fase anterior, mas, no plano imaginário, alterações de peso acontecem: os alvos de investimento de libido não são mais as figuras parentais concretas; tudo parece submergir a uma sistemática ação delas próprias (as figuras parentais) no estabelecimento de impedimentos de qualquer satisfação imediata, como também do desenvolvimento de funções sociais, cognitivo-rationais e culturais, que sistematizam certas “ações de bom senso” no sentido de “escolher” saídas mais íntimas de satisfação ou de uma tradução sensual de seus alvos. As figuras parentais são substituídas por outras mulheres ou homens, na vida amorosa. E toda sorte de ritos se apresentam para essa a explicitação de escolha de objeto de investimento direto.